

At 10:36 p.m., João Urbano said...

Pois é, o Henrique só por este gesto merecia, merecia não sei o quê, merecia algo da mercearia, algo como uma garrafa de espumante e um olé. Ainda ontem ao pegar no suplemento do DN e verificar com que livro de poesia o grande crítico Pedro Mexia gastou o seu tempo, lá o vemos repegar num estafado refrão ou na lenga lenga do costume da nossa poesia, vá lá não contemporizou demais com o Eugénio (de Andrade). Pois é, daqui a uns anos não restará nem um pequeno fragmento do grande Eugénio. E como ele tantos outros ditos grandes. É curioso reparar que Vila Matas não fala nunca destes desaparecidos, os seus desaparecidos são intenções, projectos de desaparecimento dos que mesmo assim não conseguem desaparecer e criam marcas eternas (um eterno sempre provisório), uma espécie de esquematismo Kantiano (noutra altura explico). E tudo isto por causa de Silva Carvalho, um dos nossos escritores mais poderosos, e que o sempre atento Mexia não vê. E quando digo Mexia poderia dizer qualquer outro. Silva Carvalho não existe, não é lido. Ele que foi muito mais longe que a poesia de setenta e que o mais recente novo realismo, ultrapassara-os antes mesmo deles terem chegado. Fico desconcertado e não consigo entender esta ostracização da escrita de António Silva Carvalho. Por um lado percebe-se. Todos aqueles que foram moldados pelo tardo-romantismo que dominou a poesia portuguesa ao longo do século XX, que nos entulhou de Eugénios, de Herbertos, de Ramos Rosa, toda essa sacralização da poesia, só podia dar maus resultados. Mas o Mexia no seu gosto requintado continua a preferir esses maus resultados. Bem, seria uma longa conversa. Na próxima Revista Nada, a NADA 9, a sair no fim deste mês de Março, vem um artigo do Silva Carvalho sobre o seu Poreticismo que me parece incontornável para qualquer debate daqui para a frente sobre poesia. Mas como sempre será ignorado. Não existirá. E claro, mesmo o mundo livre dos blogues raramente consegue subverter o sistema literário, antes não passa de uma caixa de ressonância do mesmo. Os Pitas e quejandos titubeiam. Não discernem. Em termos de literatura estão mortos. Poderia dizer o mesmo em relação a um Barrento, e refiro-me aos melhores. Um Barrento vive na Europa central que acaba com o advento do Fascismo. É esse o seu éden literário, e não discerne mais, e vive dessa perda. Poderia ir ter com uma Silvina Rodrigues Lopes que vive a literatura quase como uma liturgia. É interessante reparar que os Blanchoteanos tornam-se sacerdotes de uma nova religião. Poderia continuar. E o enorme Joaquim Manuel Magalhães, o dito pai do novo realismo. A poesia para Magalhães sempre foi de parto difícil, mas não é isso, o seu realismo nada tem de urbano, aliás a sua poesia fez-se em grande parte contra a cidade, a deplorar a cidade, a anatemizá-la, restando o amor e a natureza, estas sim balsâmicas. Estou a simplificar é claro. O que quero dizer é que tanto a nossa chusma de críticos literários como de criadores literários é em geral uma anedota.

Isto vai assim sem correcção.